

O LIVRO DIDÁTICO DE INGLÊS E AS REPRESENTAÇÕES DE IDENTIDADE NACIONAL: UMA REFLEXÃO ACERCA DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM ALUNOS E PROFESSORES DE INGLÊS

Julia Margarida KALVA¹
Aparecida de Jesus FERREIRA²

ABSTRACT: Foreign language teaching became an essential tool for communication through the world. However, some questions related to this kind of teaching need to be emphasized, for example, the identity representations which take place in the teaching/learning process, like the national identity. In order to bring these topics to discussion, some theoretical references are presented as Hall (2005), Woodward (2005), Moita Lopes (2002) and Rajagopalan (2003, 2004). Thus, it is necessary to analyze the way national identity is viewed by the researchers, once these representations help to construct the beliefs, internalized by teachers and students, as they could interfere the way the subjects involved in the process construct their identity. This work aims to make a bibliographical study about the visual representations of the Brazilian national identity in the English textbooks, and how these representations influence the beliefs constructed by students and teachers according to the national identity and the foreign identity.

KEYWORDS: identity; teaching/learning; textbook; English Language

1. Introdução

O ensino de língua estrangeira, principalmente o de inglês, se tornou uma ferramenta essencial para a comunicação no mundo globalizado. Contudo, algumas questões relacionadas a esse ensino ainda merecessem maior destaque como, por exemplo, as representações identitárias que acontecem durante o processo de ensino/aprendizado, e uma delas é a representação da identidade nacional. Desta forma, analisar como essa questão é abordada pelos pesquisadores da área se faz necessário, posto que essas representações colaboram na formação das crenças internalizadas por professores e alunos e que poderão também afetar a forma como esses sujeitos formam sua(s) identidade(s). Para tanto serão utilizados como referências teóricas: Hall (2005), Woodward (2005), Moita Lopes (2002) e Rajagopalan (2003, 2004), entre outros.

O presente trabalho tem como objetivo fazer um levantamento da literatura existente acerca de como a representação através de imagens da identidade nacional dos brasileiros é abordada dentro do livro didático de língua Inglesa e como e se essa abordagem influencia nas crenças construídas ao longo do tempo por alunos e professores com respeito tanto a sua identidade nacional quanto como a identidade nacional é afetada pelas representações vindas da identidade estrangeira, uma vez que para ensinar/aprender uma língua estrangeira são utilizados livros didáticos ou materiais de ensino que, na sua maioria, não são produzidos no Brasil e para brasileiros e sim nos EUA e na Inglaterra. O trabalho se divide em referencial teórico, metodologia, análise dos dados do Portal CAPES e considerações finais. As referências utilizadas para análise vêm do portal da CAPES de teses e dissertações realizadas no período de 2000 a 2010.

¹ Professora mestranda Julia M. Kalva (Universidade Estadual de Ponta Grossa).

² Professora Doutora Aparecida de Jesus Ferreira (Universidade Estadual de Ponta Grossa/Universidade do Oeste)

2. Referencial Teórico

A questão identitária nunca foi assunto fácil, ainda mais quando se trata de uma identidade tão afirmada e reafirmada, não só pelo indivíduo, mas também pelo coletivo, como é a identidade nacional. Assim, nesta seção tratarei do referencial teórico que será tomado como base para a pesquisa; para tanto a seção será dividida em três partes: Conceitos de Identidade, onde serão usados como teóricos Bauman (2005), Hall (2000, 1999), Woodward (2000); Imperialismo Lingüístico e identidade nacional cujos referenciais serão Moita (2003), Rajagopalan (2003, 2004); Philipson (1992); Canagarajah (1999) e o livro didático e crenças sobre a identidade nacional, tendo como base as obras de Gimenez (2006) e Ferreira (2000, 2001); Barcelos (2004, 2006).

2.1 Identidade(s) na Pós-Modernidade

Quando surge a pergunta “quem é você?” Paramos para pensar e a resposta nunca é fácil. Já houve um tempo quando não era tão complicado responder, pois algumas identidades já pareciam vir com nosso nascimento, como por exemplo, o gênero, nacionalidade, a comunidade a que pertencíamos entre outras. Não que essas identidades deixaram de existir - ou melhor, serem imaginadas como acontece com a identidade nacional - porém não há tanta rigidez ou até mesmo certeza quanto a elas; mesmo supostamente nascendo com certas identidades podemos modificá-las, reafirmá-las e até mesmo incorporarmos outras ao longo de nossa existência, ou seja, elas não são fixas. (WOODWARD, 2000).

Assim como é complicado definirmos quem somos, definir identidade também não é fácil. Para tanto utilizarei como base as concepções de três autores: BAUMAN, HALL E WOODWARD. De acordo com Bauman (2005), identidade é o pertencimento, fazer parte de um grupo e compartilhar seus ideais e expectativas. O pertencimento traz conforto ao sujeito, ele se sente parte de um todo maior e isso o torna mais forte; contudo esse pertencimento também não é fixo. Bauman salienta que:

[...] o pertencimento e a identidade não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age e a determinação de manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o pertencimento quanto para a identidade (BAUMAN, 2005, p.17).

Portanto, a identidade irá variar de acordo com o momento e a necessidade do sujeito; a identidade baseada no pertencimento é flexível, e mutável. Não existe uma única e permanente, mas sim várias e variáveis. Para Hall (2005), a identidade, antes considerada unitária, é hoje fragmentada e está sempre em formação. O sujeito possui várias identidades e o social é parte importante nessa formação. A esse fenômeno em que o sujeito e sua identidade são fragmentados ou em que o sujeito é formado por várias identidades Hall (1999) dá o nome de identidade cultural da pós-modernidade. Contudo, vale a pena ressaltar que essas identidades nem sempre convivem harmoniosamente, muitas vezes elas são contraditórias. Hall argumenta que: “[...] dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas definições estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 1999, p.13). Sendo assim, as identidades estão sempre se perpassando, algumas permanecem umas com as outras e outras são substituídas.

Woodward (2000) vê a identidade através dos olhos do outro, eu não sou o que o outro é. A identidade em sua visão é marcada por símbolos. “[...] assim a identidade é tanto

simbólica quanto social” (WOODWARD, 2000, p.10). Há então uma associação entre o que usamos e possuímos e o que somos. Nesse sentido a língua também é vista como um dos símbolos ou mercadoria que possuímos, e quando aprendemos uma nova língua também adquirimos esse novo símbolo ou produto (GRIGOLETTO, 2007).

Assim, podemos notar que o sujeito na pós-modernidade ou modernidade líquida, como prefere usar BAUMAN (2005), possui identidades múltiplas que convivem entre si e são influenciadas de forma significativa pela sociedade. E um dos fatores que contribuíram para que esse contexto tomasse forma foi um dos eventos sociais que mais influenciaram na formação da identidade fragmentada: a globalização. Tal fato fez com que identidades antes imaginadas como fixas devido a diferenças territoriais, por exemplo, fossem afetadas posto que as fronteiras são hoje facilmente atravessadas. Desta forma, a identidade nacional que antes era mais fortemente estabelecida dentro de um território passa por um período de reconstrução, pois só nascer ou falar um determinado idioma não garante totalmente a manutenção dessa *identidade/comunidade imaginada* como salienta Anderson (2008).

2.2 Identidade Nacional e o Ensino de Língua Estrangeira (Inglês): a questão do imperialismo lingüístico

Nessa seção tratarei a questão de como a identidade, no caso a nacional, é influenciada pela presença de novas identidades trazidas pela língua inglesa no momento de ensino/aprendizado e quanto essa interseção de identidades favorece o imperialismo lingüístico abordado por Pennycook (1994), Phillipson (1992), Canagarajah (1999) entre outros. A globalização³ estreitou os espaços geográficos como conhecíamos até então e fez com que o encontro entre pessoas de países e identidades diferentes se tornasse mais fácil, e para tanto uma língua comum foi estabelecida: o inglês. E não foi por acaso a escolha dessa língua; em outros tempos o latim e o francês foram línguas usadas amplamente, entretanto não tiveram a mesma expansão que a língua inglesa, por um lado devido a motivos econômicos e sociais, primeiro pela colonização inglesa e depois pelo império econômico americano e outro foi o avanço tecnológico, o qual fez com que o inglês rapidamente se espalhasse pelo mundo. Vale lembrar que não é apenas a língua (signos) que são repassados a cultura estrangeira bem como a identidade estrangeira também acaba influenciando aqueles que se apropriam dessa nova língua.(PETERSON, 2007)

E esse contexto faz com que muitas crenças sejam criadas e recriadas divulgando-se a idéia de que se o individuo quer pertencer a esse grande grupo mundial precisa aprender a língua franca⁴,convencionada: o inglês, sem muitas vezes considerar que “condições sócio-culturais sempre influenciaram nossas atividades cognitivas, mediando a maneira que percebemos e interpretamos o mundo a nossa volta” (CANAGARAJAH, 1994 p.14), pois quando se aprende uma nova língua não são apenas signos que são internalizados. Como observa Rajagopalan “a língua é muito mais que um código ou instrumento de comunicação. Ela é [...] uma das principais marcas de identidade de uma nação, povo [...]” (2003, p.93). Sendo assim, quando aprendemos a falar inglês nos apropriamos também de uma nova identidade. E essa nossa identidade nacional (identidade imaginada de pertencimento à uma nação) somada à identidade de língua estrangeira formarão uma nova identidade, uma vez que não podemos afirmar que quando nos apropriamos de uma identidade deixamos de possuir a que tínhamos antes (HALL, 1999). Contudo nem sempre esse processo é harmônico; muitas

³ Processo em que as fronteiras geográficas não mais demarcam onde as pessoas podem ou não ir, fazendo com que pessoas de lugares e culturas diferentes possam interagir, trocando e comungando experiências e identidades.

⁴ Língua usada como meio de comunicação entre pessoas de diferentes idiomas, no caso inglês.

peessoas se sentem invadidas em sua identidade nacional quando estão aprendendo uma nova língua, principalmente o inglês.

Até mesmo políticas lingüísticas já foram cogitadas para *salvar* essa língua nacional como pode ser visto no projeto apresentado pelo deputado Aldo Rebelo ao congresso contra o uso de palavras estrangeiras em nosso país, porém como bem salienta Faraco (2001) essas políticas que ainda acreditam que podem livrar uma língua do contato com outras e principalmente com o inglês, acabam por serem utópicas e não conseguirão reverter o processo de mistura de línguas e conseqüentemente identidades. Todavia, há outras pessoas que se vêem deslumbradas pela cultura/identidade do outro e acabam por desvalorizar a sua. E esse deslumbramento é um dos fatores que ajudam na construção de crenças que muitas vezes supervalorizam o falante *nativo(americano/britânico)*, e o ambiente no qual eles vivem como se apenas se possa falar em inglês se eu me tornar um deles, deixando, assim, de valorizar a identidade local, ou nacional. (PHILLIPSON, 1992).

E essa identidade nacional tão mencionada é definida como algo difícil de se definir de forma pontual, porém autores como Hall (1999), Woodward (2005), Bauman (2005), Pollak (1992) vêem a identidade nacional como aquela que representa toda a história, cultura e tradição de um povo. E, através dessa história comum as pessoas de determinada cultura é que se desenvolve a identidade nacional; ela não nasce com as pessoas como a identidade de gêneros, por exemplo, porém como menciona Rajagopalan: “[...] elas não estão no gene, mas nos a pensamos como se estivessem [...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação [...]” (RAJAGOPALAN, 2003 p.48) essa representação é histórica e cultural. Isso faz com que a identidade nacional, que representação toda a historia de um povo, seja tratada de forma tão ferrenha como se fosse inata ao sujeito, mesmo sendo ela, muitas vezes, apenas uma ilusão, pois não há nada que a torne palpável a não ser a crença dos sujeitos que a vivem.

Da mesma forma, Anderson (2008) também destaca a concepção de nação como imaginada (imagem de que todas as pessoas daquela comunidade possuem algo em comum que as une), os sujeitos é quem a constroem por meio de representações/símbolos, sendo que a língua se apresenta como uma das mais fortes dessas representações, posto que a crença de homogeneização lingüística nos faz pensar que possuímos algo em comum (a língua) como pode ser visto em Anderson: “A lexicografia na Europa, contudo, criou, e gradualmente disseminou a convicção de que as línguas eram, por assim dizer, a propriedade pessoal de um grupo específico [...] e eram intituladas em seu anonimato em uma fraternidade de iguais” (2008, p.84), assim mesmo com todas as diferenças encontradas em um país tão grande, e então somos unos.

A globalização, como já dito anteriormente, uniu os povos em um grande grupo, e essa união *imaginada* fez com que ocorresse uma homogeneização cultural e identitária, na qual todas as pessoas necessitam falar a mesma língua para se comunicar e assim pertencer a esse grupo, podem comer a mesma comida, assistir aos mesmos programas. Contudo, como ressalta Kumaravadivelu:

[...] o processo de globalização, resultou em maiores contatos entre as pessoas de culturas diferentes, levando a uma melhor consciência dos valores e visões de cada um e a uma decisão mais firme de preservar e proteger a própria herança lingüística e cultural. (KUMARAVADIVELU, 2006, p.135).

Como pudemos perceber, o processo de globalização fez com que as pessoas passassem a pertencer ao todo e isso trouxe um sentimento de homogeneização que incomoda e faz com que valorizar o local, aquilo que é característico de mim e me faz diferente do outro

também passasse a ser considerado atuando como forma de preservar a identidade nacional. E a língua materna, por ser uma das formas mais marcantes de se mostrar a identidade, passa a ser mais valorizada.

Assim, a língua como sendo um símbolo de identidade nacional, ou seja, do local, passa a ser mais valorizada. Rajagopalan afirma que:

Da mesma forma que o sentimento de amor à pátria passa pelo amor a língua materna, o sentimento de chauvinismo aflora por intermédio de um ódio desmedido à língua estrangeira, pois essa língua parece invadir seu território, e se minha língua é invadida, tem-se a impressão de que se está perdendo sua identidade, o que remete a um sentimento de angústia em qualquer situação (RAJAGOPALAN, 2003, p.93).

E esse pensamento vem ao encontro da chamada crise de identidade, vista dessa forma por Woodward: “[...] as identidades estão em crise porque as estruturas tradicionais de pertencimento, baseadas em relações de classe, no partido e na nação-estado têm sido questionadas” (WOODWARD, 2000, p. 36). Então, para que essa crise diminua deve-se buscar uma identidade que possa unir as pessoas e que as faça voltar a sentir a falsa segurança do pertencimento que foi perdida com a fragmentação das identidades. Esse sentimento de unidade é uma fantasia que nos faz sentir bem e valorizar o local, ou o nacional em detrimento do global (HALL, 1999).

Entretanto, apesar desse movimento de valorização da língua materna, ainda há o sentimento de pertencimento ao global muito forte em nossa cultura e a aprendizagem da língua inglesa representa não somente pertencer ao global, mas também está relacionada ao sentido de ascensão a uma vida melhor. Quem fala uma língua estrangeira é visto como pessoa mais desenvolvida, isso devido à crença de que o estrangeiro é melhor que o nacional (BARCELOS, 2004b). Essa crença está enraizada em nossas mentes há anos, e a mídia é uma das grandes responsáveis pela sua criação, uma vez que ela vê o ensino de inglês como uma mercadoria e para vendê-la não mede esforços em valorizá-la. (RAJAGOPALAN, 2004).

E assim, para que se pertença de forma completa ao “global”, que para Kumaravadivelu (2006) mais é uma americanização, acredita-se que não basta apenas dominar o idioma e conseguir comunicar-se através dele; o falante precisa falar como o nativo, ou seja, deve buscar ser o mais próximo possível do que o nativo é. Rajagopalan afirma que:

Em matéria de ensino de língua estrangeira, tal concepção do nativo, marcada por um grau de veneração desmedida, só deu ampla vazão ideologia neocolonialista que sempre pautou o empreendimento. O que se viu foi uma verdadeira ‘apoteose do nativo’ (RAJAGOPALAN, 2004, p.68).

Pensando assim, a identidade nacional do sujeito também é influenciada, posto que a língua é uma das formas de se mostrar sua identidade. E esse conflito de identidades pode acabar influenciando no processo de ensino/aprendizagem. Por isso se faz necessário pensar em questões como estas para o trabalho em sala de aula, e muitos trabalhos têm sido feitos com o intuito de repensar o aluno não só como aquele que aprende uma língua para mera comunicação, mas também como um indivíduo que participa ativamente do processo de re(construção) de sua(s) identidade(s) durante aprendizagem de uma nova língua.

Peterson (2007) em seu trabalho intitulado “Em tempos de globalização para além do bem e do mal”, trata justamente da questão do inglês como língua internacional dentro da globalização. Para ele, o problema não é haver uma língua comum (franca) para uma comunicação *de fronteira*, mas sim o anglicismo que acaba por diminuir o multilinguismo que

também pode ser usado como forma de comunicação em um mundo globalizado, ou mundializado como ele prefere se referir ao fato de fronteiras serem porosas. Critica em seu trabalho a forma como a língua inglesa é vendida e consumida sem que haja um questionamento acerca das conseqüências de se consumir não somente uma língua, mas também toda a bagagem cultural e identitária que ela carrega.

Por outro lado, Moita Lopes (2008) em um de seus artigos que englobam ideologia lingüística e globalização, apesar de considerar também que a língua é uma das companheiras do império, e para isso ele cita Nebrija que quando deu a primeira gramática à Princesa Isabel, disse ter a compreensão que uma língua única e padronizada, conforme os ditames de sua gramática, era essencial na construção e preservação do império, acredita que a língua inglesa já não pode mais ser considerada *patrimônio* de um único país, posto que já há mais falantes não nativo do que nativos de inglês e desta forma o local passa a adaptar o inglês aprendido a sua maneira.

Por essa perspectiva, o inglês já não faz mais parte desse império(americano/britânico) e passa a ser patrimônio de todos, contudo ainda falta ser trabalhada essa concepção dentro não somente de sala de aula, quanto também em outros espaços da sociedade, para que se possa acabar com o mito do anglicismo, ou nativo é melhor, e para tanto:

Qualquer pedagogia pensada para esses alunos terá que considerar o desejo de dominar o idioma, mas também seus medos de hegemonia lingüística e ideológica, e terá que sugerir uma maneira de reconciliar esses conflitos. (CANAGARAJAH, 1999, p.74)

2.3 Livro didático e as Crenças sobre o aprendizado de inglês.

Com a valorização do inglês, que muitas vezes é vendido como uma mercadoria e apresentado pela mídia como uma das “coisas” mais essenciais para se ter sucesso (GRIGOLLETO, 2007, RAJAGOPALAN, 2004), o ensino/aprendizado de inglês passou a ser visto como forma de ascensão, não apenas profissional mais também cultural, o que faz com que a identidade/língua materna seja desvalorizada em detrimento da língua/identidade inglesa. Assim, como bem lembra Rajagopalan:

Se torna cada vez mais urgente entender o processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira como parte integrante do processo de redefinição de identidades. Pois as línguas não são meros instrumentos de comunicação, como costumam alardear os livros introdutórios. As línguas são a própria expressão das identidades de quem delas se apropria. (RAJAGOPALAN, 2007, p. 69).

Sabendo disso, percebe-se que a sala de aula é local propício para a coexistência dessas identidades, e essa convivência deixa transparecer algumas crenças enraizadas tanto em alunos quanto professores, e elas podem influenciar a compreensão mútua entre alunos/professores dentro desse ambiente de identidades conflitantes, uma vez que a crença se faz no social, através de experiências e influencia no processo de construção da realidade. E essa crença, muitas vezes, vinda da mídia, como já mencionado anteriormente, faz com que o sujeito participante desse processo de aprendizagem tenha concepções errôneas sobre o que é falar uma língua estrangeira, quem é o falante dessa língua ou qual a função de se falar.

Uma das idéias que alunos e professores têm sobre esse “falar uma língua estrangeira” é que para se falar bem você precisa falar como o nativo, e freqüentemente esse nativo não é qualquer pessoa que tenha como língua oficial o inglês, mas sim quem fala a variedade dos Estados Unidos ou a da Inglaterra. E, não se considera que mesmo dentro desses países

considerados modelos também há outras tantas variedades que não são nem reconhecidas como corretas; apenas o sotaque padrão é visto como o certo, o que deve ser ensinado (FERREIRA, 2001).

Essa supervalorização do falar do nativo faz com que se queira falar o mais parecido possível com esse “sotaque padrão”, deixando muitas vezes de lado a própria identidade do falante e, envergonhado de sua própria língua, ele passa a valorizar ainda mais a língua do outro. E esse valorizar a língua do outro está relacionado com um padrão econômico e cultural elitista e que não se desvincula do imperialismo lingüístico, ou seja, do que é pensado enquanto potência econômica e cultural como é o caso dos EUA e da Inglaterra, e que vendem livros didáticos para o mundo.

Assim, o livro didático pode, por vezes se tornar um meio de disseminação dessas crenças sobre a língua estrangeira, uma vez que as representações nele apresentadas enfatizam mais alguns países falantes de inglês do que outros, no caso os Estados Unidos e Inglaterra, e também hábitos relacionados àquelas culturas. E sendo crença definida por Barcelos como: “[...] não somente um conceito cognitivo, mas também social, porque nascem de experiências e nossos problemas, de nossa interação com o contexto e de nossa capacidade de refletir e pensar sobre o que nos cerca.” (2004b, p.20) o papel do professor se torna fundamental na conscientização do seu aluno com relação à valorização de sua língua materna (GIMENEZ, 2006).

Entretanto, esse trabalho se mostra um tanto difícil, pois os próprios professores muitas vezes possuem crenças parecidas com a dos alunos e aí reside a importância de se discutir identidade também na formação desse futuro professor, para que ele consiga trabalhar com o livro didático sem ficar preso as crenças já existentes e muitas vezes reafirmadas nas imagens do livro e consiga promover a reflexão sobre essas crenças, pois para que as crenças sejam mudadas, o sujeito primeiro deve ter consciência de que elas existem e que não são verdades únicas (BARCELOS, 2006).

Quando se ensina/aprende inglês deve-se ter claro qual a função que essa língua irá ter em sua vida; o professor/aluno precisa ter a consciência que aprender a falar uma língua estrangeira não significa ser o outro, mas sim se comunicar com o outro. Ferreira afirma que:

O objetivo principal quando se ensina uma língua estrangeira é perceber que estamos aprendendo para nos comunicar através dessa nova língua e sendo assim conforme vai se aprendendo essa língua ela se desestrangeiriza. (FERREIRA, 2000, p. 5).

Ou seja, me apropriado dessa nova língua/identidade, mas continuo valorizando a minha língua/identidade nacional; com isso o ensino de línguas passa a ser mais crítico proporcionando aos integrantes desse processo condições de questionar o que se faz necessário ou não para sua formação enquanto cidadão que estará se formando para interagir com o mundo e não com um país específico.

O papel do professor, então é fazer amigos para o nosso país (MOITA LOPES, 2006). Conscientizá-los de que não há necessidade de ser igual ao outro para ser reconhecido e que o professor ideal não precisa ser nativo para ser bom, mas sim que saiba conduzir o aluno para uma maior interação com a sociedade. Devemos ter em mente que a língua inglesa é necessária, porém como instrumento de comunicação e não como sendo uma língua desse ou daquele país, pois se vemos dessa maneira acabamos confundindo língua com situação econômica. E, ao contrário, do que ocorre com a situação econômica dos países, não devemos pensar e nem deixar com que os alunos pensem que há línguas inferiores ou superiores (FERREIRA, 2000).

Devemos lembrar também que o chauvinismo lingüístico também traz sérios problemas ao ensino/aprendizagem, uma vez que o aluno/professor rejeita o outro por sentir-se invadido em sua identidade, o que não é aconselhável como pode ser visto em Rajagopalan:

As posições radicais, embora devam ser manifestadas e respeitadas, parecem fora de questão. Vetar o estrangeirismo como caso particular de xenofobia é tão vesgo quanto adotá-lo indiscriminadamente em nome de um mundo globalizado, sem fronteiras de línguas, que é condutora e protetora de um povo (RAJAGOPALAN, 2004, p. 18).

Deste modo, tanto o professor em formação quanto o professor em exercício precisam discutir a questão de identidade e poder que perpassam diariamente seu ambiente de trabalho e estudo para que o processo de ensino/aprendizado de uma língua estrangeira (inglês) se torne cada vez mais fácil e significativo quanto à formação de alunos críticos e preparados para lidar com as várias situações de interação com que se deparam diariamente.

3. Metodologia de pesquisa

A metodologia utilizada neste trabalho é a pesquisa bibliográfica a qual visa fazer um levantamento acerca do tema, e serve como meio para ajudar o leitor a visualizar o problema por outras perspectivas, fazendo uma delimitação de trabalhos.

3.1 Critérios de busca.

A busca no Banco de pesquisa da Capes foi realizada no mês de maio/2010 através do termo *livro didático de inglês*; a pesquisa foi feita por conteúdo, sem utilização de dados como ano, instituição ou nível. Os trabalhos utilizados nesse trabalho são referentes aos 10 últimos anos, ou seja, de 2000 a 2010. Utilizando-se da expressão “identidade nacional e livro didático de inglês” foi encontrado apenas 1 trabalho, o qual é uma dissertação de 2003 (RUFINO).

Entretanto, a maior quantidade de trabalhos foi encontrada quando se utilizou apenas a expressão “livro didático de língua Inglesa”, na qual foram encontrados 175 trabalhos, dos quais apenas 11 (três teses e 8 dissertações) se mostraram relevantes para a pesquisa, pois abarcavam tanto o tema livro didático quanto identidade, apesar de não utilizarem explicitamente o termo *identidade nacional*.

Dos trabalhos encontrados no Banco de Dados da Capes apenas 8 foram encontrados para análise. Dentre aqueles encontrados, cinco dos trabalhos foram encontrados nas bibliotecas da instituição de origem do trabalho, enquanto os outros três foram enviados pelos próprios autores quando solicitados através do e-mail fornecido pelo portal do *lattes*. Os outros três (PEREIRA, 2000; RUFINO, 2003; FONTENELE, 2005) não responderam a solicitação, e também não obtive sucesso na busca através das instituições de origem dos trabalhos.

Desta forma, analisarei mais profundamente apenas os oito trabalhos que consegui encontrar, porém farei uso dos três trabalhos não encontrados na íntegra para análises mais superficiais, nas quais o resumo e dados do trabalho fornecidos no portal da Capes se mostram suficientes.

4. Resultados apreendidos da análise dos dados do Portal CAPES.

Os estudos relacionados não apenas a metodologia de ensino de línguas estrangeiras, mas também aos sujeitos que fazem parte desse processo tem ganhado força nos últimos anos (BARCELOS, 2004), o que faz com que questões relacionadas à identidade dos alunos e dos professores esteja presente em muitos dos trabalhos que vêm sendo realizados atualmente. Desta forma, a análise dos trabalhos relacionados ao aspecto da identidade nacional presente no livro didático mostrou alguns pontos relevantes quanto a esse contexto como veremos a seguir.

TÍTULO DO TRABALHO	ANO	TESE/DISS.	FOCO DO TRABALHO
Eurocentrism in Brazilian Textbooks for EFL Teaching Autor: Ariovaldo Lopes Pereira	2000	dissertação	Aborda como o discurso eurocêntrico se apresenta em materiais para o ensino de Inglês, atentando para o quando esse processo começou e como os professores podem lidar com essas questões de forma crítica.
Livros didáticos de língua inglesa: uma análise discursiva das representações da diversidade cultural. Autor: Karin Betim Paes Leme Rufino	2003	dissertação	Faz uma análise de como o livro didático privilegia identidades americanas/britânicas através de discursos encontrados nas representações bem como nas atividades. As identidades locais não parecem ser abordadas, ou quando são acabam por legitimar ainda mais a identidade americana/britânica.
Análise de materiais didáticos em inglês como LE: ideologia e relações de hegemonia. Autor: Lissa Mara Saraiva Fontenele	2005	dissertação	Não foca tanto na questão da hegemonia americana/britânica, porém aborda como as representações encontradas no livro didático ajudam a construir e manter ideologias que privilegiam as classes dominantes, sendo elas de caráter étnico, social ou de gênero.
O Livro Didático De Inglês Em Uma Abordagem Sócio-Discursiva: Culturas, Identidades E Pós-Modernidade. Autor: Rogério Tílio	2006	tese	Aborda a identidade nacional (como não uma). Analisou 12 livros e constatou que a maioria são importados e priorizam o inglês americano/britânico, vê outras culturas como folclóricas e só se mostra diversidade cultural e de identidade em unidades específicas. Livros produzidos no Brasil apresentam um pouco mais a identidade local, sendo que 3 dos livros analisados apresentaram alguma pluralidade cultural.
Fotografias no livro didático de inglês como língua estrangeira: Análise de suas funções e significados. Autor: Marcia Olivé Novellino	2007	dissertação	Apresenta aspectos técnicos da fotografia no livro didático, como por exemplo a disposição, tamanho e não aborda questões identitárias.
O Mundo Representado E A Produção De Identidades Culturais Em Imagens De Livros Didáticos De Inglês - Uma Análise. Autor: Marcia Angélica Mendes	2007	dissertação	Ressalta a importância das imagens no livro didático. O livro didático dá prioridade a aspectos culturais hegemônicos e representa culturas diferentes do padrão americano/britânico como sendo exóticas.
Por que não me deixar falar na língua que eu quiser? – Educação em língua estrangeira, identidade e educação intercultural. Autor: Maria Cristina Matos Nogueira	2008	tese	Não fala especificamente do livro didático. Contudo, analisa como a multiculturalidade e a língua materna é apresentada e como os alunos/professores se sentem com relação à ela e a língua estrangeira(inglês)

Motivação e representação cultural no ensino-aprendizagem de inglês como língua estrangeira. Autor: Cláudia Valéria França Vidal	2009	dissertação	Não aborda especificamente questões de identidade e imperialismo lingüístico, porém analisa pontos positivos e negativos do livro didático, sendo um deles a padronização das representações e poucas opções de multiculturas.
A elaboração do material didático de inglês: instrumento de (re) constituição do professor de inglês. Autor: Rubens Fernando de Souza Lopes	2009	dissertação	Não aborda com foco a questão da identidade ou do imperialismo lingüístico, porém comenta a importância de se produzir material didático crítico que atenda as necessidades de professores e alunos.
O pensamento reflexivo e a formação identitária do aluno de inglês do ensino médio Autor: Mara Lúcia Santana	2006	dissertação	Foca no livro e como ele colabora na formação identitária do aluno/professor, mas não especifica as imagens. Não trabalha com o conceito de imperialismo lingüístico, apesar de mostrar em suas análises que a maior parte das representações privilegia o inglês americano/britânico.
O ser professor (brasileiro) de língua inglesa: um estudo dos processos Identitários nas práticas de ensino. Autor: Debora Cristina Mantelli Baghin-Spinelli.	2002	tese	Voltado à formação de professores. Vê o livro didático como lugar onde não se propicia a criticidade e alimenta a idéia de que o nativo/estrangeiro é melhor

Quadro 1: análise de trabalhos de tese e dissertação do portal da CAPES de 2000 a 2010

Fonte: análise da autora de trabalhos do portal da CAPES.

1 - Período de Produção

A maior quantidade de dissertações e teses relacionadas ao assunto livro didático e identidade nacional aconteceu no período de 2006 a 2010, quando cinco dissertações (VIDAL, 2009; MENDES, 2007; NOVELLINO, 2007; SANTANA, 2006; LOPES, 2009) e duas teses (TILIO, 2006; NOGUEIRA, 2008) foram encontradas, enquanto que no período de 2000 a 2005 apenas três dissertações (PEREIRA, 2000; FONTENELE, 2005; RUFINO, 2003;) e uma tese (BAGHIN – SPINELLI, 2002). O que se pode perceber é que as pesquisas realizadas sobre esse tema tem aumentado, consideravelmente, nos últimos anos devido a preocupação com a formação de professores conscientes do papel que os discursos de sala de aula, que de acordo com Canagarajah “são a realização lingüística do constructo social *ideologia*” (1994,p. 30), têm na (re)construção de discursos de acordo com interesses de alunos e professores.

2 - Assunto abordado

Os trabalhos se mostraram mais voltados para os discursos escritos do que para representações através de imagens, apesar de quase todos, apenas dois (LOPES, 2009; VIDAL, 2009) não mencionarem, de nenhuma forma, as imagens em seus trabalhos.

As imagens nesses contextos se mostraram como fator de reafirmação do que os discursos escritos afirmavam dentro dos livros didáticos; e o que todos apresentaram foi a questão ideológica que esses discursos, tanto imagens quanto escritos, apresentavam.

Dentro desse contexto, a maioria, apenas dois (LOPES, 2009; NOVELLINO, 2007) não mencionaram a questão da representação do mundo “americanizado” ou “europeizado”, que de certa forma é apresentado como sendo o ideal, onde todas as pessoas estão felizes e

satisfeitas, enquanto que outras culturas são apresentadas como exóticas, ou melhor não “normais” para os padrões apresentados no livro didático.

Outro fator que me chamou a atenção foi a questão das diferenças de nacionalidades que só eram abordadas quando o próprio assunto da lição era “nacionalidades”. Com relação a identidade nacional brasileira, apenas dois dos trabalhos (MENDES, 2007; TILIO, 2006) mencionaram a aparição, mesmo que vaga, de imagens relacionadas ao Brasil.

5. Considerações finais

Com a análise desses trabalhos pude perceber que o livro didático muitas vezes auxilia na manutenção de crenças sobre quem é o falante de inglês e como deve ser esse aprendiz, pois quando o livro didático utiliza-se de imagens que privilegiam pessoas e ambientes relacionados aos Estados Unidos ou a Inglaterra, locais em que, quase com unanimidade são os livros didáticos que chegam ao Brasil são produzidos. O livro didático acaba fomentando ainda mais a crença de que são apenas eles que falam inglês no mundo e que para que eu possa também falar bem esse idioma preciso me adequar a esses padrões apresentados, fazendo com que imagine que para ter sucesso você precisa falar inglês, o que não é necessariamente verdade (PHILLIPSON, 1992)

E essas crenças construídas por representações tão reafirmadas em contextos influentes, como o livro didático, acabam por se tornarem centrais em nossa vida, sendo elas as mais ligadas à formação de nossa identidade mais enraizada e por consequência mais difíceis de serem mudadas (BARCELOS, 2004a).

Sendo assim, o livro didático e por consequência muitas vezes, o próprio professor deixa de usar o contexto do aluno e passa a mostrar apenas aquele da classe dominante, no caso Estado Unidos e Inglaterra, fazendo com que o aluno não se identifique ou comece a pensar que aquele mundo apresentado é melhor que o seu (CANAGARAJAH, 1999) e passe a desvalorizar sua identidade nacional em detrimento da identidade estrangeira.

Portanto, se faz necessário ter bem claro que a cultura e identidade de nenhum país ou pessoa não é homogênea, mas sim formada por várias culturas e identidades, as quais estão constantemente num jogo de poder (CANAGARAJAH, 1999) e a escola, o professor, pesquisadores precisam ter claro em sua prática o papel que as representações tem na (re)formação, (re)construção da identidade de alunos e professores para que, desta forma, possam respeitar as diferenças, contribuindo para uma formação mais abrangente e menos preconceituosa.

Referências

- ANDERSON, B. 2008. *Comunidades Imaginadas: Reflexões Sobre a Origem e a Difusão do Nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- BAGHI-SPINELLI, D.C.M. *O ser professor (brasileiro) de língua inglesa: um estudo dos processos identitários nas práticas de ensino*. Universidade estadual de Campinas, 2002. orientadora Silvana Mabel Serrani-infante.
- BARCELOS, A M. F *Crenças sobre aprendizagem de línguas, Lingüística Aplicada e ensino de línguas*. Linguagem & Ensino, Pelotas, v. 7, n. 1, p. 123-156, jan./jul. 2004a.
- BARCELOS, A M. F. *Narrativas, crenças e experiências de aprender inglês*. REV Linguagem & Ensino, v. 9, n. 2, p.145-175, jul./dez. 2006.
- BARCELOS, A M. F. Crenças sobre aprendizagem e ensino de línguas: o que todo professor de línguas deveria saber. In: *Interações dialógicas: linguagem e literatura na Sociedade*

- contemporânea*/ Maria Cristina Pimentel Campos, Maria Carmem Aires Gomes, editoras – Viçosa: UFV, 2004b.
- BAUMAN, Z, 1925-*Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/ Zygmunt Bauman*; tradução, Carlos Alberto Medeiros-Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005
- CANAGARAJAH, S. 1999. *Resisting Linguistic Imperialism in English Teaching*. Oxford: Oxford University Press.
- FERREIRA, A. de J. Formação de Professores de Língua e o compromisso social. In: I *Seminário de Educação: Paulo Freire na contemporaneidade*. 4-5 Julho 2001. Rio de Janeiro Anais CD-ROM. 2001.
- FERREIRA, A. de J. Aspectos Culturais e o Ensino de Língua Inglesa. *Línguas & Letras*, Ed.unioeste / Unioeste / Cascavel-Pr.Vol.1, n.1, p.117-127. 2000
- FONTANELE, L. M. S. *Análise de materiais didáticos em inglês como LE: ideologia e relações de hegemonia*. 6v. 169p. Mestrado. Universidade Estadual do Ceará. Orientador(es): Antonia Dilamar Araújo Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade Estadual do Ceará, 2005
- GIMENEZ, T. English in a New World Language order. In: Machado, Loreni, T; Cristovão, Vera Lúcia; Furtoso, V (org). *Aspectos da linguagem: considerações teórico práticas*. Londrina: UEL, 2006 p. 59-72
- GRIGOLETTO, M.. Língua, discurso e identidade: a língua inglesa no discurso da mídia e a constituição identitária de brasileiros. *Filologia e Lingüística Portuguesa*, v. 11, p. 213-227, 2007.
- HALL, S. Quem Precisa de identidade? In: Silva, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*/Tomaz Tadeu da Silva(org). Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 70-131
- HALL, S. *A Identidade Cultural da pós-modernidade*. DP&A editora, 1999
- KUMARAVADIVELU, B. O conceito da globalização. In: Moita Lopes, Luis Paulo da. *Por uma lingüística Indisciplinar*- São Paulo Parábola Editorial, 2006 p. 130-146
- LOPES, R. F.S. *A elaboração do material didático: um instrumento de (re)constituição do professor de inglês*. São Paulo, 2009, pp.150.
- MENDES, M. A. *O Mundo representado e a produção de identidades culturais em imagens de livros didáticos de inglês*.- Uma análise. 1v. 122p. Universidade Luterana do Brasil –2007
- MOITA LOPES, L. P. *Por uma lingüística Indisciplinar* – São Paulo- Parábola Editorial; 2006.
- MOITA LOPES, L. P. Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: ideologia lingüística para tempos híbridos. *DELTA*, São Paulo, v. 24, n. 2, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-4502008000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 jul. 2010. doi: 10.1590/S0102-44502008000200006
- NOGUEIRA, M.C. M. “*Por que não me deixar falar na língua que eu quiser?*”: *educação em língua estrangeira, identidade e educação intercultural* / Maria Cristina Matos Nogueira; orientador: Maria Inês Marcondes de Souza; co-orientador: Ralph Bannell. – 2008.
- NOVELLINO, M. O. *Fotografias no livro didático de inglês como língua estrangeira: Análise de suas funções e significados*. 1v. 203p. Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007. Orientador(es): Barbara Jane Wilcox Hemais Biblioteca Depositária: Biblioteca Central
- PENNYCOOK, A. *The cultural politics of English as an international language*. London: Longman, 1994.
- PEREIRA, A. L. *Eurocentrism in Brazilian Textbooks for EFL Teaching*. 1v. 161p. Universidade de Brasília. Orientador(es): Maria Jandyra Cunha Biblioteca Depositária: BCE, 2000.

- PETERSON, A A A, Maria Inês Pagliarini Cox. *Inglês em tempos de globalização para além do bem e do mal*. Calidoscópio. N.1, p.5-14, jan/abr 2007
- PHILLIPSON, R. *Linguistic imperialism*. Oxford: Oxford University Press, 1992.
- POLLAK, M. *MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL*. Rev. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- RAJAGOPALAN, K. Línguas Nacionais como Bandeiras Patrióticas, ou a lingüística que nos deixou na mão. In: Silva, Fabio Lopes da. Rajagopalan, K (org) *A Lingüística que nos faz falhar: Investigação Crítica*. Parábola Editorial, São Paulo, SP 2004. p. 11-37
- Rajagopalan, K. *Por uma linguística Crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial; 2003.
- RUFINO, K. B. P. L. *Livros didáticos de língua inglesa: uma análise discursiva das representações da diversidade cultural*. 2003
- SANTANA, M. L. *O Pensamento reflexivo e a formação identitária do aluno de inglês no ensino médio*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006 orientador: Maximina Maria Freire
- TILIO, R. C. *O livro didático de inglês em uma abordagem sócio-discursiva: culturas, identidades e pós-modernidade* /Rogério Casanovas Tilio; orientadora: Lúcia Pacheco de Oliveira. – Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Letras, 2006.
- Vidal, C. V. F. *Motivação e representação cultural no ensino e aprendizagem de Inglês como língua Estrangeira dos alunos da Licenciatura em Letras UFPA*. / Claudia Valeria França Vidal; orientadora, Walkyria Alydia Grahl Passos Magno e Silva 2009.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: In: Silva, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*/Tomaz Tadeu da Silva(org). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p 7-69